

MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA NO LÉXICO RURAL DE SERGIPE

Maria Lúcia Souza Castro¹

Resumo

Estudo da motivação semântica de lexias constantes na Carta 16 do Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS). Análise da relação existente entre forma e conteúdo semântico nas bases lexicais registradas para designar “Onda” nas localidades inquiridas para elaboração do ALS, a partir de informações constantes em dicionários etimológicos e aquelas apresentadas pelos próprios informantes.

Palavras-chave: *lexicologia; dialectologia; semântica.*

Abstract

The study discusses semantic motivation of lexicons presented in a linguistic map of the Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS). It also analyzes the relationships between form and meaning in the lexical items used to refer to ‘wave’. The proposed explanations for the usage are based in the etymology and in the data taken from the informants.

Key-words: *lexicology; dialectology; semantic.*

I. INTRODUÇÃO

Os vários dialetos de uma língua comportam um universo semântico particular, que atende às necessidades de expressão/comunicação de seus falantes. Assim, o que pode parecer estranho a uma pessoa não falante de um determinado dialeto, após uma observação mais detalhada, passa a ser compreensível e justificável.

Algumas designações para “Onda”, registradas na Carta 16 do *Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS*², denotam, a princípio, esse estranhamento; mas, ao final de uma análise mais demorada, oferecem também a compreensão da relação entre as formas utilizadas pelos informantes e o seu conteúdo semântico.

Sendo essa Carta objeto deste estudo e diante das várias formas anotadas pelos inquiridores, se decidiu que, a título de organização e dinamização da análise, melhor seria agrupá-las, levando em consideração as relações morfológicas entre elas.

Assim, em primeiro lugar se agruparam as designações: a) **carneiro, carneiro d(e)’ água, carneiro de mar, carneirinho de mar e carneirada**; b) **rolo, rolo de mar e rolo d’água**; c) **morro e morro de água**, por representarem metáforas e pelo fato de cada subgrupo (a, b, c) ter um mesmo lexema como base para formação das demais designações.

Num segundo grupo, se trabalhou com as formas **mar/mares, mareta, mareta d’água, maresia, mareada e maruada**, por terem sido consideradas como derivadas de mar; tomando-se, portanto, esse lexema como base para a análise semântica desse grupo.

As designações **onda, banzeiro, cachão e boiadeira** formaram o terceiro e último grupo a ser analisado pelo fato de não se encaixarem nos dois primeiros e por comportarem, com exceção de **onda**, um maior grau de dificuldade no estabelecimento da relação entre o conteúdo semântico de “Onda” e essas formas.

Neste estudo, se procedeu a uma análise das motivações que levam os falantes de um dialeto a utilizarem determinadas lexias para representar o mundo que os rodeia, estabelecendo a relação entre estas e o seu conteúdo semântico.

II. ANÁLISE DOS DADOS

As formas documentadas nos pontos inquiridos no Estado de Sergipe para designar “Onda” são em número de 21 e encontram-se assim distribuídas quanto à quantidade de vezes que ocorreram:

¹Professora Assistente de Língua Portuguesa da Universidade do Estado da Bahia-Uneb; doutoranda em Lingüística Teórica e Aplicada no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia-Ufba.

²Ferreira et alii, 1987.

Formas documentadas	Nº ocorrências
mareta	11
carneiro	10
mar	09
onda	08
banzeiro e carneiro d(e) água	07
maruada	05
maresia, mareta d'água e rolo(s)	03
boiadeira, rolo do mar e	
rolo(s) d'água	02
carneiro de mar, cachão, carneirada, carneirinho d'água, mareada, mares,	
morro, morro de água	01

Das designações documentadas no *ALS*, estão registradas, na mesma acepção, em Ferreira (1986):

Onda – *porção de água do mar, lago ou rio, que se eleva; vaga.*

Carneiro – *vaga ou onda de crista espumosa (terminologia utilizada na área de Oceanografia).*

Mareta – *pequena onda; onda de rio.*

Rolo – *grande onda ou vaga; vergalhão.*

Maresia – *Bras. GO e MT. Ondas encapeladas que se formam nalguns pontos do rio Araguaia.*

Em acepções diferentes estão dicionarizadas:

Carneirada – *rebanho de carneiros; conjunto de carneiros, que se formam quando há vento rijo.*

Banzeiro – *diz-se do mar que se agita vagarosamente e em pequenas onda.*

Cachão – *Sin. de borbotão: jato impetuoso; jorro, golfada. Bras., MG. Cachoeira alta e volumosa, tombo.*

Mar – *a massa de água salgada. Pl. mares.*

Morro – *monte pouco elevado, colina, outeiro.*

As formas **carneiro de mar, carneiro d(e) água, carneirinho d'água, mareta d'água, rolo de mar, rolo(s) d'água, boiadeira, mareada, maruada e morro de água** não constam da referida obra.

Todas as formas não dicionarizadas também não o estão nos dicionários etimológicos consultados³. Quanto às demais, foram localizadas:

Mar - do lat. *maré*.

Maresia - de *maré*, do fr. *marée*.

Mareta - do it. *maretta* 'mar agitado com ondas um tanto altas'.

Cachão - do lat. *coctione* 'cozedura, fervura', 'borbulhão, borbotão'.

Banzeiro - ligado a banzeir, banzé (japonês *banzai*) (Viana apud Antenor Nascentes, 1955); vindo da navegação das costas da África (Soares apud Antenor Nascentes).

Onda - lat. *unda* 'água agitada, onda, vaga,...'.

Carneiro - do lat. *carne* e suf. *eiro*, 'animal carnudo, de boa carne' (Lübke apud Antenor Nascentes).

Rolo - do lat. *rotulus* 'qualquer coisa de forma cilíndrica um tanto alongada'.

Morro - do esp. *morro* (Coelho apud Antenor Nascentes); do vasconço (Maciel apud Antenor Nascentes); do fr. ant. *mourre* (Academia Espanhola apud Antenor Nascentes).

Algumas das designações documentadas, apesar de estarem dicionarizadas⁴ com a mesma acepção utilizada pelos informantes na Carta 16, merecem um comentário. São elas: **carneiro, rolo, maresia, mareta**.

Com relação à forma **carneiro**, ocorre um processo de metáfora, para a designação "Onda", motivada pela aparência da coisa designada. O informante B, no ponto 61, identifica essa forma como: *é quando é em riba de uma coroa, não é? e então aqueles maços em cima dum o outro*. Ferreira (op. cit.) a registra como *vaga ou onda de crista espumosa* e como termo utilizado na Oceanografia. Teria a Oceanografia tomado emprestada essa forma do dialeto rural? Esta é uma hipótese bastante plausível, pois, sendo a metáfora uma figura de linguagem muito comum, é provável que tenha ocorrido esse empréstimo e não o inverso.

As designações **carneiro de mar, carneiro d(e) água e carneirinho d'água** confirmam a hipótese sobre a motivação da forma **carneiro**. O fato de, na sua origem, essa designação para "Onda" ter sido motivada pela semelhança desta com o animal – as ondas formam espumas, que se assemelham à lã do carneiro – pode ter levado alguns dos informantes a restringirem as formas mencionadas, com o intuito de esclarecer o seu conteúdo. Assim, não seria simplesmente **carneiro** – o animal –, mas **carneiro de mar, de água**. O informante B, no ponto 59, esclarece a forma **carneiro d'água** dizendo: *o carneiro do mar* (destaque duplo nosso).

No ponto 55, no teste de identificação para a forma **carneiro**, o informante explica: *carneiro d'água, não é? é aquele mar [= onda] quando engrossa, mas não quebra, não faz aquela escuma branca, por cima*. Apesar de essa explicação parecer contrária à hipótese apresentada, não a invalida, pois as ondas sempre possuem espumas, estejam estas por cima daquelas ou não. A forma **carneirada** – conjunto de carneiros, cf. Ferreira (op.cit.) – confirma esta hipótese: várias ondas seguidas formariam uma carneirada.

Para a designação **rolo**, ocorre o mesmo processo que para **carneiro**: a aparência como maior motivação para estabelecer a relação entre conteúdo e forma. Mesmo estando dicionarizada⁵ com a acepção de *pequena onda; onda de rio*, o conteúdo semântico dessa forma como designação para "Onda" está relacionado ao étimo da palavra através da aparên-

³Nascentes, 1955; Machado, 1959; Cunha, 19??.

⁴Ferreira, 1986.

⁵Ferreira, 1986; Nascentes, 1955; Machado, 1959; Cunha, 19??.

⁶Idem nota 3.

cia. **Rolo**, conforme os dicionários etimológicos consultados⁶ é *qualquer coisa de forma cilíndrica um tanto alongada*. A utilização dos adjuntos adnominais **de mar**, **d'água**, a exemplo de **carneiro de mar**, **carneiro d'água**, esclarece o conteúdo semântico dessas formas. No ponto 56, ao ser perguntado: *rolo de quê?*, o informante responde: *rolo de mar*.

Seguindo o mesmo processo metafórico para relacionar conteúdo e forma, estão as designações **morro** e **morro d'água**. Observando essa linha de raciocínio, **morro** ou **morro d'água** designaria grandes ondas. Não há, porém, abonações na Carta analisada que confirmem essa idéia; apenas o informante do ponto 54 acrescenta à forma **morro**: *é aqueles morro de água*. Essa declaração indica que a utilização do pronome aqueles pode representar a noção de tamanho, de volume.

Como já foi dito na Introdução deste trabalho, se agruparam as formas **mar/mares**, **mareada**, **maresia**, **maruada**, **mareta** e **mareta d'água** devido ao fato de todas elas estarem relacionadas à forma **mar**, de que são derivadas. Apesar de **mareta** e **maresia** estarem dicionarizadas⁷ na acepção de “Onda”, foram incluídas neste grupo considerando-se a possibilidade de que a utilização das mesmas, como designação para “Onda” em Sergipe, pode ter-se originado de uma outra maneira, como se verá a seguir.

Maresia, registrada em Ferreira (op. cit.) como brasileiro, utilizada em GO e MT para designar “Onda”, como mencionado anteriormente, não parece ter sido adotada em Sergipe por empréstimo, considerando-se a distância geográfica entre esses Estados. Há a possibilidade, porém, dessa forma já ter sido muito utilizada na região e, hoje, tendo caído em desuso, sobrevive em pequenas áreas.

Mareta, forma que consta dos dicionários etimológicos citados como originária do italiano *mareta* ‘mar agitado com ondas um tanto altas’, necessitaria de uma pesquisa diacrônica para se confirmar a origem de sua utilização em Sergipe, ou se pode admitir que tenha ocorrido uma derivação diretamente do português (mar + eta-suf. dim.).

Os informantes apresentam explicações que indicam que estas formas são, no Estado de Sergipe, derivadas de **mar** e seu conteúdo semântico comporta um processo metonímico. O informante B, ponto 72, esclarece: *O que se chama mareta é as águas quando está fraca, é aquelas mareta, e quando está forte é o mar. O mar é aqueles mais grosso, aquelas mais alta, aquelas onda mais alta que a gente dá o nome de mar*. E, para **maresia**, diz o mesmo informante: *Tem as mareta mais altas, outras mais baixas, chama/se maresia também*. Continuando, ele acrescenta para **maruada**: *Está uma maruada, está uns mar... está um mar no rio*.

Assim, **mar** é sinônimo de “Onda” em Sergipe, bem como seus derivados **mareta**, **maruada**, **maresia**, **mareada**,

que equivaleriam a tipos de ondas diferentes entre si, seja na forma seja no tamanho.

No ponto 55, o informante B identifica **mareta**: *É um marzinho fraco, dá aquelas maretazinha na costa*; e para **maretar**: *marzinho [= ondinha] que bate um no outro...* Essas explicações indicam que o conteúdo semântico de **mareta** comporta a idéia de onda pequena ou não, visto que alguns dos informantes utilizam também a forma **maretazinha**. No teste de identificação para **maretar**, o informante B do ponto 61 explica: *Maretar é quando o vento está brando, fica aquelas maretazinha, ou senão quando o sujeito está batendo na água, não é, fica aquelas mareta. Mareta e maretazinha, aqui, representam, ambas, ondas bem pequenas*.

Considerando-se as informações acima destacadas, **mareta**, em Sergipe, não tem sua origem no italiano, mas sim na própria língua portuguesa e, como as demais designações analisadas neste grupo, formada por derivação sufixal, representando, também, um processo de metonímia, mesmo quando o mar não é mar, mas, rio (nas localidades não litorâneas).

No artigo *O mar: semasiologia em Sergipe*, Cardoso e Rollemberg (1988: 79-91) apresentam **mareada** e **maruada** como variantes de **marulhada** ‘barulho das ondas’, ‘grande agitação das ondas do mar’, denotando, mais uma vez, um processo de metonímia. Existe, porém, a possibilidade de estas formas representarem uma derivação direta da lexia **mar**, sinônimo de onda, e comportarem a noção de quantidade ou tamanho, isto é, várias ondas ou grandes ondas formariam a **mareada** ou a **maruada**. No teste de identificação para **banzeiro** (sobre o qual comentaremos adiante), o informante B, ponto 62, se refere também à **maruada**; diz ele: *...a gente dá aqui o nome de banzeiro porque é aquelas maruada forte, sem mareta, só aqueles banzeiro*. E, para **maruada**, o informante A declara: *É a [maru,ada], não é? Com tudo que venta, não é, diz: está ventando muito hoje, o rio está com maruada, está com muita maruada*.

Para a forma **onda**, não cabem comentários, visto que o seu conteúdo semântico permanece inalterado, em relação ao seu étimo, nas localidades onde ocorreu esta designação.

Os dicionários etimológicos consultados não registram esclarecimentos sobre a forma **banzeiro**, com exceção de Nascentes, que apresenta uma informação de Soares, que diz ser este vocábulo *vindo da navegação das costas da África*. Ferreira (op. cit.) faz constá-lo em seu dicionário com a acepção *diz-se do mar que se agita vagarosamente e em pequenas ondas*. Se este vocábulo passou a constar nos dicionários, com essa acepção, a partir de informações coletadas em regiões ou localidades que a utilizam, não se pode precisar se foram bem interpretadas por aqueles que

⁷ Ferreira, 1986.

as coletaram ou se os informantes, em Sergipe, apresentam mais um processo metonímico para o conteúdo desta forma, pois explicam-na como: *um vento, aquela coisa que traz aquele banzeiro para os paredão de água* (inf. 55-A); *É dentro d'água, quando está aqueles banzeiro poucos, não é?* (inf. 57-A); *Banzeiro é aqueles mar [= onda] bem espaçoso, de um para o outro, sem maretar, só é aquelas ansiada [= enseada?] forte... a gente aqui dá o nome de banzeiro porque é aquelas maroadada forte, sem mareta, só aqueles banzeiro.* (inf. 62-B).

Cachão, do lat. *coctione* 'cozedura, fervura', 'borbulhão, borbotão', está dicionarizada⁸ como sinônimo de borbotão: *1. jato impetuoso; jorro, golfada. 2. Bras., MG. Cachoeira alta e volumosa*; e documentada no ponto 62, informante B, como equivalente à forma **carneiro**. Como só houve uma ocorrência da forma **cachão**, não se dispõe de dados suficientes para melhor analisá-la. A relação semântica entre a forma e o seu conteúdo, como na grande maioria dos casos analisados, é metafórica e pode ser identificada através da aparência da coisa designada. Na acepção em que foi utilizada em Sergipe, seria um caso de arcaísmo? Confirma-se esta hipótese ao se consultar Silva (1950) e lá encontrá-la registrada: **Cachão**¹ – *s.m. (do lat. Coctione-?). Borbotão líquido. // Água que ferve em marulho: Às caldeiras ou lagos ferventes com os cachões sempre batidos e rebatidos...*”, Antônio Vieira, *Sermões*, V, 516. // (...); *Rochedo em cuja babosa escarpa vinham partir-se os cachões da ressaca, Fialho de Almeida, País das Uvas*, 204. // (...).

Outra forma sobre a qual não foi possível coletar dados para explicar o seu conteúdo é **boiadeira**; os dicionários consultados não fazem menção à mesma. Algumas hipóteses, porém, podem ser levantadas: seria **boiadeira** derivada de **bóia** ou de **boiar** e terem os informantes relacionado conteúdo e forma através de metonímia? Ou se trata de outra derivação: **boi** + **ada** + **eira**? A segunda hipótese torna-se plausível quando se compara a forma **boiadeira** com a forma **carneirada**. **Boiadeira** seria a representação de algo que se forma como se fosse uma boiada, assim como **carneirada** indica um conjunto de carneiro e, em Sergipe, designa “Onda”?

Ferreira (op.cit.) apresenta o verbete **boiadeiro**, que remete a **boiadouro**, sobre o qual, em uma de suas acepções, diz: *Bras., AM. Trecho de rio, em geral remansoso, onde emergem e bóiam as tartarugas*. Como remansoso comporta a idéia de calma, falta de movimento, e o Estado do Amazonas não faz limites com Sergipe, é provável que a forma **boiadeiro** nada tenha a ver com **boiadeira**. Por outro lado, esta pode, também, ter sido utilizada pelos informantes com um conteúdo semântico que representaria ondas pequenas. Infelizmente, não há, na Carta 16, abonações que permitam a confirmação dessas hipóteses, pois, para as duas únicas

ocorrências da forma **boiadeira**, os informantes não deram explicações.

III. CONCLUSÃO

Segundo Ullmann (1987), a metáfora é o instrumento de mudança mais importante nas línguas, seguido da metonímia. Sem metáfora e metonímia, não seria possível conceber um sistema lingüístico. A utilização da metáfora como elemento criativo no processo de comunicação entre os homens esteve sempre presente, sendo um recurso utilizado amplamente na busca da expressividade lingüística.

Ferreira (1994), no seu artigo *Polimorfismo e léxico (Rótula em Sergipe)*, documenta a continuidade desse processo lingüístico – a metáfora – através de vinte séculos, atestando a existência da metáfora popular no dialeto rural de Sergipe.

No estudo aqui apresentado, se confirmam as constatações de Ullmann e Ferreira, destacando-se os processos metafóricos motivados pela semelhança da coisa designada com elementos naturais que constituem o mundo dos falantes (por exemplo, **carneiro de mar, de água e morro d'água**).

Das observações sobre a Carta 16 do ALS, conclui-se, ainda, que, para se estabelecer uma relação semântica entre forma e conteúdo, são necessárias muito mais informações do que aquelas aqui apresentadas. Além das explicações dos informantes, se torna indispensável também, em alguns casos, um estudo diacrônico para estabelecer o momento e a motivação da mudança e/ou ampliação ou redução de sentido no léxico de uma língua.

No que se refere à forma **banzeiro** e, talvez, **boiadeira** (constantes da referida Carta), os dados analisados não foram, infelizmente, suficientes para se compreender essa relação. O mais importante, porém, é se estar consciente de que nem sempre é possível explicar todos os fenômenos lingüísticos e que somente através de uma investigação criteriosa se poderão compreender os fatores que atuam numa determinada comunidade lingüística e que são responsáveis pelos usos que os falantes fazem da sua língua.

IV. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera. (1988). O mar: semasiologia em Sergipe. In: *Diversidade do português do Brasil: Estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: CED/UFBA. p. 79-91.
- CUNHA, A.G. (19??). *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. s.l.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. (1986). *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

⁸ Idem nota 3.

- FERREIRA, Carlota et alii. (1987). *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA/FUNDESC.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. (1994). *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- MACHADO, J.P.M. (1959). *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência.
- NASCENTES, Antenor. (1955). *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- SILVA, António Morais. (1950). *Grande dicionário da Língua Portuguesa*. 10 ed. rev., corr., muito aum. e atualizada, VII. Lisboa: Confluência.
- ULLMANN, Stephen. (1987). *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.